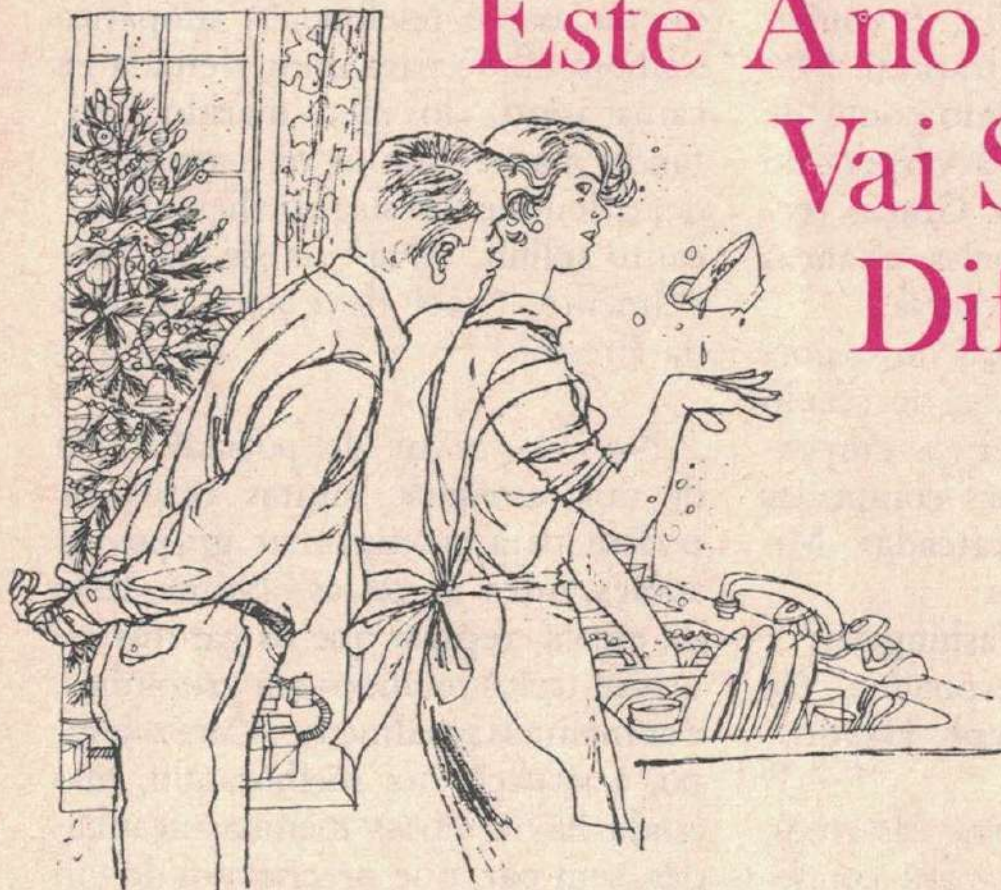


Um pai toma um
punhado de resoluções

Êste Ano Vai Ser Diferente



WILL STANTON

AS RESOLUÇÕES de Ano Nôvo são como qualquer outra coisa—tiramolas delas o que lhes pomos. Julgando pelos resultados de outros anos, eu nunca pusera nelas o suficiente, mas êste ano ia ser diferente. Li vários livros sôbre aperfeiçoamento da própria personalidade antes de escrever minha lista. En-

contre alguma beleza em tudo... Faça os outros sentirem-se importantes... Cêrca de 30 dêsse tipo. Evidentemente, qualquer pessoa que seguisse a minha coleção de regras seria abençoada com uma vida mais rica, o amor ilimitado de sua família e a admiração e o afeto da comunidade inteira. Mal pude esperar o

Dia de Ano Novo para experimentá-las.

Quando cheguei ao andar de baixo, Maggie, minha mulher, estava à pia da cozinha. Aproximei-me na ponta dos pés e dei-lhe um beijo na nuca. (Resolução n.º 1: Seja espontâneo ao demonstrar afeição.) Ela deu um gritinho e derrubou uma xícara.

—Nunca mais se aproxime de mim às escondidas!—gritou ela.

—Você está linda—disse eu, num esforço para reparar meu erro. (Um elogio sincero vale seu peso em ouro.)

—Escute...—disse ela—não foi idéia minha ficar fora até às quatro da manhã.

Levei comigo para a sala um analgésico e o café. Apenas começara a ler o jornal quando entrou Sammy, nosso filho de cinco anos. Estava usando o relógio que ganhara no Natal.

—Papai—disse êle—o que é que faz o relógio andar?

Nos velhos tempos, eu provavelmente lhe teria dito que fôsse perguntar à mãe. Em vez disso, eu lhe respondi que ia mostrar-lhe. (Encoraje sempre a curiosidade de seu filho.) Peguei num lápis e comecei a desenhar o mecanismo de escape. Levei cerca de 15 minutos e Sammy começou a afastar-se várias vezes, mas eu sempre o chamava de volta.

—Aí está—disse eu—isto é que faz seu relógio andar.

—Então por que é que êle não anda?—perguntou êle.

Seu irmão Roy passou.

—Você tem de lhe dar corda—disse Roy.

Sammy deu corda no relógio e levou-o ao ouvido. Sorriu.

—Roy é sabido à beça—disse êle.

Nesse momento, nossa filha Gretchen entrou com sua boneca, a Sr.^a Robinson.

—Bom dia, Gretchen—disse eu.—Feliz Ano Novo, Sr.^a Robinson. (Trate seu filho no nível dêle.)

—Nenhum dos dois é feliz—disse Gretchen.—A Sr.^a Robinson está doente. Provavelmente uma trombose coronária.

—Por que não a leva para ver o Dr. Sammy?—sugeri.—Êle poderá usar seu novo estôjo de médico.

O telefone tocou e eu atendi. Era uma amiga de nossa filha Kit.

—Feliz Ano Novo, Marilyn—cumprimentei.—Que andou fazendo nestes feriados?—(Mostre interesse pelos amigos de seus filhos.) Ela disse que não fizera muita coisa.

—Ora, uma pequena bonita como você—repliquei jovialmente.—Aposto que os rapazes estão sempre à sua volta... O quê? Sim, claro, você pode falar com Kit. Certamente...

Kit estava no quarto com a vitrola tocando muito alto. Bati na porta. Ela respondeu qualquer coisa e eu entrei. Estava de pijama.

—Eu não disse que você podia entrar!—berrou ela, agarrando um robe e segurando-o na frente do corpo.

Aos 14 anos, ela tornou-se extremamente consciente da sua condição feminina.

—Desculpe-me. Não pude enten-

der o que você disse—disse eu contrito.

Para contornar a situação, apanhei do chão o suéter nôvo dela e coloquei-o sôbre uma cadeira.

—Eu ia apanhá-lo—disse Kit na defensiva.—Você nem sempre guarda *suas* coisas.

Houve uma série de gritos no saguão embaixo. Encontrei Gretchen em lágrimas. Roy e Sammy estavam a ponto de fazer uma operação cardíaca na Sr.^a Robinson com uma faca de escoteiro.

—Ela disse que a Sr.^a Robinson estava doente—disse Roy.

Sugeri que fizessem alguma coisa para a mãe dêles—como, por exemplo, uma colher de salada. (Encoraje a criatividade dos jovens.)

Na cozinha, Maggie queria saber o que acontecera com Gretchen.

—A Sr.^a Robinson teve uma trombose coronária—disse-lhe eu.

—Olhe—observou ela—eu sei que você não se está sentindo muito bem depois da noite passada, e tenho tentado dar o desconto, mas estou ficando um pouco cansada dessas observações espirituosas. Quer fazer o favor de levar o lixo para fora?

—Com todo prazer—respon-di. (O mais trivial serviço doméstico pode ser compensador, se fôr realizado com entusiasmo.)

—Lá vem você outra vez—disse ela.—É preciso ser tão sarcástico?

Parecia que minhas resoluções não estavam funcionando da maneira que os livros diziam. Não desisti, entretanto. Ajudei os meninos a cons-

truírem um boneco de neve—só que Sammy ficou com os pés molhados e Roy perdeu as luvas, e foram para dentro. Joguei cinco-marias com Gretchen, mas ela disse que eu não jogava direito. Entabulei uma conversa com Kit, tentando estabelecer alguma espécie de afinidade. Mencionei os hippies, música popular, namoros, moralidade e assim por diante. Ela contribuiu com muito pouco. Qualquer outra pessoa teria desistido, mas eu continuei tentando. Por exemplo, desarmar a árvore é uma tarefa que Maggie sempre detesta, por isso pensei em fazer-lhe uma surpresa. (Tome a si uma das tarefas domésticas de sua mulher; ela ficará encantada com você.)

Já fizera cêrca de dois terços do serviço quando Maggie entrou. Estacou de súbito.

—Oh, não!—gritou ela.—Eu a queria armada para a festa de hoje à noite. Você não pode sentar-se e assistir a um jôgo de futebol na TV, por favor? É o que você costuma fazer no Ano Nôvo.

—Êste ano é diferente—respon-di.

—É—disse ela.—Não é?

Sentou-se.

—Juro que não entendo—continuou ela.—As crianças estiveram impossíveis o dia todo. Encontrei os garotos cortando a minha melhor colher de salada, e ainda tiveram a audácia de dizer que fôra você que sugerira aquilo. Uma das pedras do jôgo de Gretchen entrou no aspirador de pó, e ela disse que não a deixou no chão. E Kit tem estado com

um humor horrível. Disse que Marilyn telefonou e você não lhe disse. E que você interrogou Marilyn sobre os namorados dela.

—Pare!—atalhei.—Eu estava apenas batendo papo.

Nessa altura, as crianças estavam entrando na sala, atraídas pelo barulho.

—Você jamais se importou em bater papo antes. Por que começar agora?

—Porque é Ano Nôvo—respondi.

Falei à assembléia reunida sobre os livros e as resoluções e o que estivera tentando realizar. As crianças entreolharam-se contrafeitas.

—Um homem deseja aperfeiçoar-se—disse eu.—Deseja ser um marido melhor, um pai melhor . . .

—Nós todos queremos ser melhores—observou Maggie.—Só que quando você se apresenta tão jovial e atencioso a respeito de tudo, não parece natural. Se as crianças fazem alguma coisa e você fica furioso, elas sabem o terreno que pisam. Mas quando você mostra tanta calma . . .

—É—disse Kit.—Você não disse nada sobre a vitrola nem sobre as roupas no chão. Você apenas sorriu. Eu fiquei arrepiada.

—Eu me meti em mais encrencas hoje do que em qualquer Ano Nôvo de que me lembro—disse Roy.

—Acho que era melhor quando você não jogava cinco-marias—disse Gretchen.

—E gritava—disse Sammy—e mandava tudo para o inferno.

—Está bem—rosnei—chega. Faço todo o esforço para ser um bom pai e é isso que recebo em troca. O fato é que vocês não merecem um bom pai. Vocês não merecem nem mesmo o pai que têm.

Comecei a andar de um lado para outro, ilustrando os meus argumentos com gestos.

—Vocês é que devem começar a tomar resoluções. Como fazerem os deveres de casa, arrumarem seus quartos, deixarem em paz as colheiras. E, quando eu lhes disser que façam alguma coisa, é melhor irem *correndo!*

Estendi o braço para segurar um abajur em que eu tinha roçado com a manga.

—E além disso . . .

Nesse momento, percebi de repente que a atmosfera havia mudado. As crianças estavam espalhadas pelo chão, relaxadas, cochichando. Virei-me para Maggie.

—Por que estão todos sorrindo? —perguntei.—Qual foi a piada?

—Nenhuma piada—disse ela.—Só estamos contentes por têmos você de volta.



É um axioma legal que, por mais complexo que seja um acontecimento, nunca pode haver mais de uma pessoa em sua origem primitiva.

—A James Stephens Reader, col. por Lloyd Frankenberg (Macmillan, ed.)